

29-09-2020

DOCES GOIABAS

Dionísia Preto Malwin

[Educatória Física - Doula]

Trabalhar com gestantes é um exercício admirável e privilegiado de poder acariciar o milagre enquanto ele está a caminho. Descobri, acariciando barrigas, conversando com elas e olhando nos olhos da portadora do milagre que a vida é uma conquista. Ela não é outorgada por algo que se impõe, seja pela religião, qualquer que seja, seja pelo Estado, qualquer que seja, seja pela família ou mesmo pela cultura. A vida contida numa barriga é a decretação de um ato simples de relação com a natureza. A mesma perplexidade que sinto agora trabalhando com gestantes, eu tinha quando via os bichos serelepes soltos, voando ou não, nas roças de Mairiporã, onde pererequei quando menina.

Milagres similares... Eu só não tinha, então, a faculdade de pegar os milagres com as mãos para exercer meu ofício. Aliás, um de meus ofícios - o atual -, talvez seja o meu predileto, embora todos os anteriores tenham sido... prediletos.

Atualizar predileções parece ser uma espécie de meu destino. Coincidência ou não, em todos eles sempre havia crianças e mulheres. E, claro, onde têm crianças e mulheres também têm homens.

Ou seja, em meus ofícios por destino, sempre havia gente e algum milagre por perto. Isso me enche de orgulho. E me obriga a fazer um exercício permanente de humildade, o que nem sempre é fácil. Lidar com a gravidez e o parto, numa sociedade dita civilizada, urbana, dominada por uma lógica de consumo e mérito, desigual, excludente e conservadora é lidar com um ato simples e natural atravessado por complexidades das mais variadas ordens. Estão ali, no processo da gravidez e de seu desfecho apoteótico - o parto -, entrelaçadas as relações humanas, sociais e destas com o Estado. Pululam por ali as relações sociais da produção de bens e consumo, suas variantes éticas e estéticas, os preconceitos e hábitos, as idiosincrasias, as verdades fabricadas e impostas, as hipóteses, os conselhos, opiniões, palpites, certezas. E a sentença da dúvida e até do medo.

Recentemente, uma gestante, muito jovem, muito linda e sagaz me perguntou: *“Dionísia, você é contra ou a favor do aborto?”* Eu achei que ela havia me provocado já tendo a certeza de que eu ia dizer de imediato que era contra. Afinal, eu era ali uma profissional de apoio à gravidez. Eu sorri e lhe falei: *“Quando eu era menina, em Mairiporã, abri uma goiaba que estava cheia de bichinhos branquinhos. Eu me preparava pra comer quando meu tio Luciano me perguntou se eu sabia o que eram os bichinhos. Eu não sabia e ele disse que eram larvas de moscas varejeiras, aquelas grandonas que às vezes aparecem sobre as carnes podres. Tem gente que come assim mesmo, ele completou. Você escolhe. Eu joguei a goiaba fora. A partir daí eu escolhia as goiabas, mas nunca fiquei com raiva das moscas. E nem das goiabas. Elas existem como nós.”*

Ela olhou pra mim e surpreendentemente me disse o que eu não imaginava: *“Eu sabia que você me responderia com alguma coisa desse tipo. Eu nunca te falei mas pensei muito em abortar. Hoje estou muito feliz e feliz por ter você comigo. Da próxima vez que você vier vamos comer um doce de goiaba. Faça questão de fazer.”* Eu não quis contar pra ela que logo no início, quando comecei a trabalhar como doula, tive duas gestantes. Uma teve um aborto espontâneo e a outra, depois de uma crise emocional muito forte, resolveu abortar. Isso aconteceu quase que simultaneamente. Como sempre acontece, meu ofício tem como princípio o estabelecimento de um elo afetivo muito forte. É impressionante o quanto a gente passa a fazer parte do universo do milagre. Para mim, então, isso é sempre milagroso.

Aliás, quem tem a dádiva de poder cuidar vive às voltas com algo milagroso. Pois, depois dos abortos das duas grávidas, a elas duas, indistintamente, minhas mãos ofereceram o mesmo tipo de afeto e carinho. A barriga vazia não sabe a diferença.

O milagre da vida adiado não deixa de ser um milagre à espera da hora certa de acontecer.

Tudo é uma questão do tempo de espera de que a natureza em sua simplicidade não abre mão.

As índias sabem disso. Quiçá as mulheres sábias também saibam. Eu venho tentando fazer esse esforço de entender melhor dessas coisas...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.